



2º Domingo da Páscoa (03/04/2005)

Primeira leitura: Atos 2.4a, 22-32

O texto indicado é uma parte do discurso de Pedro. O ponto central é a proclamação de que, a despeito de haver feito o bem em toda a parte, Jesus foi crucificado, exposto à humilhação da cruz pelos iníquos. Porém, Deus o ressuscitou dentre os mortos.

Há alguns pontos a serem considerados: (1) O contraste entre as boas obras de Deus e as más obras dos homens. Desperta aqui a declaração de que Jesus éra inocente e não mereceu a morte; (2) A ressurreição foi algo inevitável em relação à natureza de Deus (vs. 24). Porque Deus é Deus, Ele O ressuscitou; (3) É o mesmo Deus que agiu por meio de Jesus quem o ressuscitou. Com isso, a singularidade de Jesus em relação a outras pessoas é ressaltada e nega-se a entender Jesus apenas como uma figura extraordinária que, pelo seu poder, enganou a morte. A continuidade da obra de Deus no mundo e a ressurreição de Jesus como ponto focal e decisivo está na referência a Davi. Essa continuidade se estende à Igreja e aos eclesianos.

A mensagem da ressurreição é o anúncio de que Deus em sua palavra se fez uma figura frágil e histórica, entrou nesta vida e se abriu às necessidades do mundo e das pessoas que sofrem as conseqüências do pecado, injustiça, medo, violência, fragilidade e, ali se fez o poder transformador. É nisso que se ancora a vida cristã. (Dom Sumio Takatsu)

Epístola 1 Pedro 1.3-9

Quais os efeitos da ressurreição de Cristo em nossas vidas? O que ela causa em nós? O texto da Epístola para hoje é um excelente ponto-de-partida para tratarmos essas questões com a comunidade.

Os destinatários imediatos da epístola de hoje eram cristãos perseguidos, peregrinos, "forasteiros da Dispersão" (v.1), migrantes e expatriados, pessoas sem moradia certa e privados de direitos civis e políticos de cidadania. Não podiam adquirir propriedades e se sustentavam fazendo trabalhos esporádicos em vários lugares. Muitos também eram escravos domésticos que acompanhavam seus senhores em viagens. Apesar de tamanha fragilidade, deles se diz algo importante: são "eleitos segundo a presciência de Deus" (v.2).

Esses cristãos não conviveram com Jesus durante seu ministério (v.8). Porém, o aceitaram como Senhor, baseados na proclamação apostólica. Eis aí um ponto que pode ser relacionado com o Evangelho de hoje: "bem aventurados os que não viram e creram" (Jo 20.29). A aceitação do Evangelho e do Senhorio de Cristo lhes proporcionou total mudança na forma de compreender a vida. Muitos deles que já



eram perseguidos pelos líderes judeus, enfrentavam todo tipo de sofrimento, incerteza e inconstância (v.6). Contudo, a fé no Cristo ressuscitado lhes proporcionava esperança, resistência e novos valores éticos. Todas essas coisas são efeitos e conseqüências da ressurreição de Cristo na vida daquelas comunidades. A ressurreição de Cristo lhes outorgou regeneração ("novo nascimento para uma esperança viva" - v.2), herança incorruptível (v.3) e a bênção da salvação (v.9).

A qualificação da esperança como "viva" tem a função de mostrar a ligação entre a metáfora do novo nascimento e a esperança na ressurreição de Cristo dentre os mortos, o poder que conquista a morte. A esperança cristã não é algo que se esvanece quando acossada por tribulações. Ao contrário, essa esperança é "viva" porque o Cristo ressuscitado está vivo em meio à comunidade.

A herança garantida aos cristãos é incorruptível. Toda herança terrena está sujeita ao desgaste, à corrupção e à extinção. Mas a herança reservada "nos céus" equívale à herança que transcende às realidades que a humanidade está cansada de experimentar. Céu é a plenitude da comunhão com Deus e seu Cristo. Vale lembrar que "herança", em grego é "kleronomía", de onde vem a expressão "clero". No contexto mais amplo do ministério cristão, deve-se entender que todos os cristãos são "clérigos", herdeiros do sacerdócio único de Cristo em prol do mundo. Por isso essa herança é mais preciosa que o ouro. (Carlos Eduardo B. Calvani).

Santo Evangelho

João 20.19-31

No evangelho de hoje há, pelo menos, duas perícopes distintas que dificultam a preparação de um sermão que abranja os dois temas.

A primeira parte (vers 19-23) fala: a) da paz trazida por Cristo aos discípulos que estavam trancados e amedrontados; b) do envio missionário; c) da mediação da comunidade missionária na outorga do perdão dos pecados.

A segunda parte (vers. 24-31) fala da dúvida de Tomé, das credenciais apresentadas por Cristo e da felicidade prometida aos que crêem sem exigirem as mesmas provas que Tomé exigiu.

A primeira perícopa se inicia com uma triste constatação: no primeiro dia da semana, o dia da nova criação, os discípulos estavam de portas fechadas, com medo. Naturalmente, o ambiente era hostil e o medo denotava a insegurança da Igreja. Nessa situação, Jesus se apresenta "no centro" e os saúda desejando lhes a paz. Podemos estabelecer uma boa ponte aqui para perguntar os motivos porque o cristianismo impacta tão pouco a sociedade. As igrejas têm bastante liberdade para celebrar suas liturgias de portas abertas nas manhãs de domingo, mas quando o assunto é testemunho e missão, a igreja se retrai, fecha as portas e timidamente prefere tratar de questões internas, sejam elas administrativas, políticas ou econômicas, e muito tempo é desperdiçado nesses assuntos. Será por medo? Será por que no decorrer da história as comunidades já assumiram muitos compromissos com



os príncipes deste mundo e agora já estão por demais amarradas para exercer profeticamente seu ministério? O que dizer da voz calada e quieta de muitos grupos cristãos em nossos dias frente à crise ecológica, o desamparo à infância, o aumento dos desempregados e o endividamento dos países do Atlântico Sul?

Muitas paróquias em sua realidade local temem se manifestar politicamente contra certos abusos e desvios das administrações municipais estaduais e federais. E isso acontece porque, em alguns casos, há párocos que temem perder a frequência e o apoio financeiro de pessoas mais ricas e da elite e que não gostariam de ver seus interesses condenados do púlpito. O mesmo acontece com dioceses, sempre ensimesmadas na resolução de seus muitos problemas internos e sem qualquer tempo para a missão.

Uma Igreja de portas fechadas é uma igreja inoperante, que se compraz em si mesma ou que pensa apenas na sua própria sobrevivência. Nesse caso, sequer mereceria ter o direito de ser reconhecida como “de utilidade pública”, pois em muitos casos, apenas ocupa espaço na cidade, mas o impacto que causa é mínimo, quase nulo. O que dizer do pároco que ficou decepcionado quando fez uma pesquisa em seu bairro para saber o que os vizinhos achavam da presença da Igreja e a maioria das respostas foi a seguinte: “Eu nem sabia que tinha uma igreja aqui,,,”

Mas quando Cristo tornou-se o centro daquela comunidade, tudo mudou. Eis aí outro ensinamento do texto: quando o centro da vida da igreja é Cristo e não outros interesses, a Igreja redescobre sua verdadeira natureza e missão. E a primeira dádiva de Cristo aos seus é a dádiva da Paz. Esse é um tema muito forte em nossa liturgia eucarística. Após a comunhão, oramos “... envia-nos agora ao mundo em paz e concede-nos coragem e fortalecimento para servir-te com alegria e singeleza de coração”. Depois, na despedida solene, ouvimos as palavras: “Ide na paz de Cristo, sede corajosos e fortes no testemunho do Evangelho”. A Eucaristia também é alimento para a missão e não só para a satisfação pessoal, conforme reconhecemos na Oração Eucarística A (LOC pg. 83).

A segunda perícopes fala de Tomé, o apóstolo que duvidou da ressurreição de Cristo e exigiu provas concretas. No decorrer da história da teologia, muito papel foi escrito para “provar” a ressurreição de Cristo. Tais tentativas hoje são próprias dos grupos fundamentalistas. A ressurreição de Cristo está num nível que transcende as pretensas “provas”, sejam elas bíblicas, científicas ou lógicas. O que Tomé aprendeu foi que a “prova” da ressurreição de Cristo é sua própria presença em meio à comunidade. Por isso o Cristo ressuscitado lhe diz: “Bem-aventurados os que não viram e creram”. Esses “bem-aventurados” são todos os cristãos e cristãs retratados na epístola de I Pedro: perseguidos, atribulados, envoltos em sofrimentos, que nunca viram a Cristo, mas que mesmo não o tendo visto, o amam (I Pe 1.8) e se sentem seguros sob sua proteção (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani).